



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III – GUARABIRA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

**HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NA  
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E NA FORMAÇÃO INICIAL DE  
PROFESSOR: relato de experiencia de um Professor de História**

**Guarabira – PB  
Julho/2022**

**PAULO ROBERTO DO NASCIMENTO ALVES**

**HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NA  
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E NA FORMAÇÃO INICIAL DE  
PROFESSOR: relato de experiência de um Professor de História**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da UEPB, Campus Guarabira, como requisito parcial a obtenção do Título de Licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

Linha de Pesquisa: História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade.

**Guarabira – PB  
Julho/2022**

## Ficha Catalográfica

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474h Alves, Paulo Roberto do Nascimento.  
História e cultura afro-brasileira e indígena na extensão universitária e na formação inicial de professor [manuscrito] : relato de experiência de um professor de História / Paulo Roberto do Nascimento Alves. - 2022.  
27 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Projeto de extensão. 2. Currículo multicultural. 3. Cultura afro-brasileira. 4. Cultura indígena. I. Título

21. ed. CDD 981

**PAULO ROBERTO DO NASCIMENTO ALVES**

**HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NA  
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E NA FORMAÇÃO INICIAL DE  
PROFESSOR: relato de experiencia de um Professor de História**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da UEPB, Campus Guarabira, como requisito parcial a obtenção do Título de licenciado em História, sob a orientação do Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

Linha de Pesquisa: História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sexualidade.

**Aprovado em** 21/07/2022.

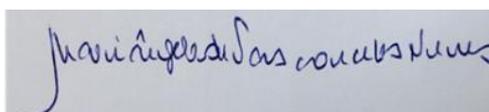
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas  
Orientador (UEPB/DH)



Prof.ª Dr.ª Ivonildes da Silva Fonseca  
Examinadora Externa (UEPB/DE)



Prof.ª Dr.ª Mariângela de Vasconcelos Nunes  
Examinadora Interna (UEPB/DH)

Num Brasil do século XXI composto por indígenas de várias nações, negros/as, brancos de várias nacionalidades, africanos, asiáticos, ameríndios, latinos, homens, mulheres, gays; um país que produz uma variedade de sons, ritmos, danças e ciências, num país que fala várias línguas, produz vários sotaques e vocabulários diferentes, crer em Deus, Jeová, Buda, Oxalá, e demais orixás, e que não crer em nada, e se comunica com o mundo sagrado por caminhos diferentes, esse país não pode ter uma escola com um currículo meramente eurocêntrico. (CHAGAS, 2018, p. 10).

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**E1, M:** 1° Estudante, Sexo Masculino

**E2, M:** 2° Estudante, Sexo Masculino

**E3, F:** 3° Estudante, Sexo Feminino

**E4, F:** 4° Estudante, Sexo Feminino

**E5, F:** 5° Estudante, Sexo Feminino

## SUMÁRIO

<b>1-INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>2-O COMEÇO DE TUDO: A ESCOLA NA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA DE PARATIBE E O CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES/AS</b>	<b>13</b>
<b>2.1-O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DO/A PROFESSOR/A DE HISTÓRIA: a experiência no Projeto Saberes e Fazeres Afro-brasileiro e Indígena na Sala de Aula</b>	<b>14</b>
<b>3-RESULTADOS E DISCUSSÃO: As Opiniões Dos/As Alunos/As Do IECA A Respeito Das Aulas De História Na Perspectiva Afro-Brasileira, Indígena E Africana</b>	<b>18</b>
<b>4-CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>24</b>
<b>5-REFERÊNCIAS</b>	<b>26</b>
<b>6-AGRADECIMENTOS</b>	<b>27</b>

# **HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSOR: relato de experiência de um Professor de História**

Paulo Roberto do Nascimento Alves

## **RESUMO**

Neste trabalho analisa-se o ensino da temática afro-brasileira, africana e indígena em sala de aula, precisamente as aulas de História que ministrei durante dois anos, ou seja, do primeiro bimestre de 2020 ao quarto bimestre de 2021 no Instituto Educacional Criança Ativa (IECA), localizado na cidade de Gurinhém/PB. Durante dois anos trabalhei com estudantes do ensino fundamental II. Contudo, essa experiência está entrelaçada a minha participação como bolsista de extensão no Projeto de Extensão: Saberes e Fazeres Afro-brasileiros e Indígenas na Sala de Aula, ofertado pela UEPB, através do Departamento de História do Campus III (Guarabira/PB) em parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.<sup>a</sup> Antônia do Socorro Silva Machado; instituição pública localizada na comunidade remanescente quilombola de Paratibe, na cidade de João Pessoa/PB. A participação nesse projeto contribuiu com a minha formação docente, pois frutificou ideias a respeito da gente negra e indígena, e suas culturas no Brasil, o que proporcionou desenvolver no IECA uma atuação pedagógica de enfrentamento ao racismo e preconceito racial; debate relevante, pois estimulou os/as estudantes discutirem no cotidiano da sala de aula, sobre o racismo e a história da gente negra e indígena, e assim eles puderam rever suas práticas e formas de pensar e olhar o povo negro e indígena. Para realização deste trabalho recorreu-se aos relatórios do projeto de extensão Saberes e Fazeres Afro-brasileiros e Indígenas na Sala de Aula. Essas fontes foram analisadas a luz de alguns debates formulados por pesquisadores/as, tais como: Carbonari e Pereira (2007), Santos (2010), Coelho e Coelho (2018), entre outros, com os quais se estabeleceu diálogos profícuos. Considera-se que a extensão foi de suma importância para que eu conseguisse inserir assuntos voltados a temática em questão, através de debates corriqueiros sobre a discriminação racial, e a importância do povo negro para a cultura e a formação do Brasil que conhecemos hoje, rico de costumes e que deve o seu crescimento econômico principalmente as pessoas negras e indígenas. Contudo, ressalto que o projeto de extensão, me formou um professor disposto a tratar com os discentes dos problemas raciais existentes no nosso país, e fazíamos isso em quase todos os encontros, seja em discussões ou atividades desenvolvidas por eles/as. Graças ao projeto pude exercer um fazer docente pautado na multiculturalidade, fugindo da prática de tratar esses apontamentos apenas em datas comemorativas. A mudança de comportamento dos estudantes foi positiva, pois eles durante as aulas e discussões à medida que revelaram suas visões estereotipadas sobre as pessoas negras e indígenas foram desconstruindo-as.

**Palavras-Chave:** Projeto de Extensão, Currículo Multicultural, Cultura Afro-brasileira e Indígena.

## ABSTRACT

This work analyzes the teaching of Afro-Brazilian, African and indigenous themes in the classroom, precisely in the History classes that I taught for two years, that is, from the first bimester of 2020 to the fourth bimester of 2021 at the Instituto Educacional Criança Ativa (IECA), located in the city of Gurinhém/PB. During these years I worked with elementary school II students. However, this experience is intertwined with my participation as an extension fellow in the Extension Project: Afro-Brazilian and Indigenous Knowledge and Doing in the Classroom, offered by UEPB, through the History Department of Campus III (Guarabira/PB) in partnership with Prof. Antônia do Socorro Silva Machado Municipal Elementary School; public institution located in the remaining quilombola community of Paratibe, in the city of João Pessoa/PB. Participation in this project contributed to my teacher training, as it brought to fruition ideas about black and indigenous people and their cultures in Brazil, which made it possible to develop at IECA a pedagogical action to confront racism and racial prejudice; relevant debate, as it stimulated students to discuss racism and the history of black and indigenous people in the daily life of the classroom, and so they could review their practices and ways of thinking and looking at these people. To carry out this work, the reports of the Afro-Brazilian and Indigenous Knowledge and Actions in the Classroom project were used. These sources were analyzed in the light of some debates formulated by researchers, such as: Carbonari and Pereira (2007), Santos (2010), Coelho and Coelho (2018), among others, with which fruitful dialogues were established. It is considered that the extension was of paramount importance for me to be able to insert subjects related to the theme in question, through everyday debates about the different types of racial discrimination, and about the importance of black people for the culture and formation of Brazil. that we know today, rich in customs and which owes its economic growth mainly to dark-skinned people. However, I emphasize that the extension project in which I had the honor to participate, made me a professor willing to deal with the students of the racial problems existing in our country, and we did this in almost every meeting, whether in discussions or activities developed by them. Thanks to the project, I was able to exercise a teaching practice based on multiculturalism, escaping the traditionalism of treating these notes only on commemorative dates. The maturation of the students was positive, as they, during classes and discussions, as they revealed their stereotyped views about black and indigenous people, deconstructed them.

**Keywords:** Extension Project, Multicultural Curriculum, Afro-Brazilian and Indigenous Culture

## 1-INTRODUÇÃO

Na sala de aula quando o assunto refere-se ao povo negro e indígena, percebe-se que essas pessoas não foram excluídas apenas do meio social, ou seja, tal realidade é uma consequência de sua exclusão do espaço educacional, principalmente do currículo escolar. Apesar da Lei 11.645/2008 obrigar as escolas da educação básica em todo Brasil ensinar sobre a história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, esse conteúdo ainda não compõe os currículos escolares. Com isso, passou-se então, a formar gerações e gerações de intelectuais e professores/as ao longo do tempo distantes dos valores civilizatórios dos indígenas, negros e africanos. Ou seja, foi constituída uma sociedade desconhedora ou que insistia em não conhecer e reconhecer negros e indígenas como detentores de direitos, contudo:

Os africanos, os negros e indígenas permanecem como personagens subalternos, coadjuvantes e a África e a América são percebidos como espaços sem história (COELHO E COELHO, 2018, p. 04).

Na condição de graduando em História, tive a oportunidade de ser monitor do Projeto de Extensão: Saberes e Fazeres Afro-brasileiros e Indígenas na Sala de Aula, ofertado pelo Departamento de História, UEPB, Campus III/Guarabira-PB. Participar desse projeto me possibilitou perceber o quanto o pensamento eurocêntrico está presente na formação de brasileiros/as, seja na escola ou fora dela. Essa realidade vem desde os primórdios da educação brasileira quando os jesuítas aqui chegaram para catequizar os indígenas, e depois continuaram com os africanos.

De modo geral a educação instituída no Brasil colocava a África e, por extensão, o Brasil como “territórios inexistentes” e sem história até antes da chegada dos europeus. A abordagem recorrente era a de que tudo começou com a chegada dos europeus a África e posteriormente ao Brasil. Essa realidade passou a incomodar-me. Ademais, quando fui para sala de aula ministrar História no Ensino Fundamental II; ainda que não tivesse concluído o curso, busquei desconstruir/problematizar essa questão com os/as alunos/as.

Partindo desse pressuposto, passei a desenvolver um estudo e ensino de História que discutisse justamente sobre a presença da história e cultura do povo negro e indígena no nosso cotidiano. Essa reflexão foi possível, graças as minhas vivências no

projeto de extensão e passou a influenciar na minha atuação como Professor de História no ensino fundamental II no Instituto Educacional Criança(IECA), escola privada, localizada na cidade de Gurinhém-PB.

Durante o projeto de extensão vi sobre a obrigatoriedade das escolas da educação básica, públicas e privadas de abordar a temática afro-brasileira e indígena, conforme a Lei 11.645/2008. Para além da obrigatoriedade dessa lei sou um profissional/cidadão atuante na luta pela construção de um currículo escolar pautado na multiculturalidade, por isso, passei a atuar, de modo a efetivar o multiculturalismo na escola.

Desta feita, foi movido pelos apontamentos feitos a priori durante a participação no projeto de extensão e na minha experiência como Professor de História durante dois anos no Ensino Fundamental II, que desenvolvi este trabalho de conclusão de curso, porém ressalto que a ideia de produzir esse estudo surgiu durante o ano de 2021, ao observar a nova turma do 6º Ano, conforme falarei a seguir. Nele aborda-se a importância da extensão na formação do Professor de História, sobretudo, quando se trata da temática afro-brasileira e indígena. A extensão universitária nessa área possibilita a formação de profissionais da educação capazes de construir e efetivar na escola o currículo multicultural, de modo que não fiquem limitados ao livro didático e não limite a história e cultura afro-brasileira e indígena a assuntos como preconceito e racismo contra os povos negros e indígenas, e apenas de modo pontual no dia 19 de abril e 20 de novembro. O meu propósito foi o de aplicar no cotidiano dos/as discentes do ensino fundamental II tais conteúdos, e assim fazer valer a lei 11.645/2008.

Claro que tive dificuldades para incluir tais assuntos durante as aulas, tanto pela situação pandêmica que nos encontramos ocasionada pela Covid 19, que por algum tempo impossibilitou os encontros presenciais com os discentes em todo país, tanto pela forma distorcida que a maioria dos/as alunos/as enxergava a gente negra. Sem falar que a própria escola exige que todos os assuntos presentes no livro didático sejam aplicados nas aulas, ou seja, assuntos que são considerados prioridades.

Contudo, para a construção desse trabalho recorri as minhas experiências como monitor do Projeto de Extensão Saberes e Fazeres afro-brasileiro e Indígena em Sala de aula, assim como a minha experiência como Professor de História na escola particular de Ensino Fundamental II. Desta feita, o meu foco como Professor de História, apesar de ter trabalhado com estudantes do 6º ao 9º ano, dediquei maior atenção aos/as

alunos/as do 6º Ano, por estarem numa faixa etária de descobertas e formação de opiniões. Com isso era comum serem levantados questionamentos sobre temas considerados polêmicos e que estão na ordem do dia-a-dia da sociedade, mas são considerados pela gestão da escola temas tabus, como por exemplo, o feminismo, o aborto, a comunidade LGBTQIA+, o preconceito racial e o racismo, tendo em vista ainda o forte grau de preconceito que alguns dos/as estudantes tinham para com o povo negro. Assim, vi nessa condição, a oportunidade para introduzir os ensinamentos que aprendi na universidade e principalmente no projeto de extensão, visto que o conteúdo e a discussão recorrente no projeto de extensão eram voltados para a prática do/a professor/a em sala de aula. Desse modo, aproveitei a sede de conhecimento da maioria da turma e a minha participação na extensão para colocar em prática os saberes adquiridos e com isso, tornar o meu fazer pedagógico multicultural.

Para sistematização teórica desse estudo, fiz uso dos relatórios do projeto de extensão citado anteriormente, assim como atividades/debates positivas que desenvolvi com a maioria dos/as alunos/as do 6º ano decorrente da minha prática em sala de aula, e que por sua vez, do que aprendi durante o projeto de extensão, que se constituiu num curso de formação continuada para professores/as de uma escola quilombola localizada na cidade de João Pessoa-PB.

Nesse fazer bebo das ideias de alguns pesquisadores/as com quem dialogo sobre a temática em questão, visto suas longas experiências fundamentaram o meu começo, a exemplo de: Carbonari e Pereira (2007), Santos (2010), Coelho e Coelho (2018), entre outros. No que diz respeito ao material decorrente de minha experiência na escola trago alguns depoimentos/relatos de estudantes a respeito de como as aulas de História contribuíram para mudar a forma como eles/as passaram a enxergar os povos negros e indígenas.

O depoimento dos estudantes foi conseguido via WhatZap. Tendo em vista que, mantenho um grupo nesse aplicativo com alguns/as dos ex-estudantes do IECA até hoje. Nesse grupo eu pude iniciar uma conversa breve com eles/as e em seguida lançar um questionário sobre o que trabalhamos em sala de aula e as repercussões em suas vidas. Recebi algumas respostas positivas no privado, as quais eu confesso, me deixaram com a sensação do dever cumprido. O grupo contava ao todo com 7 (sete) participantes, destes, 5 (cinco) responderam no privado. Haja vista que a turma dos/as alunos/as do 6º ano contava com apenas 10 (dez) estudantes.

## **2-O COMEÇO DE TUDO: A ESCOLA NA COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA DE PARATIBE E O CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES/AS**

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.<sup>a</sup> Antônia do Socorro Silva Machado está localizada na comunidade remanescente quilombola de Paratibe no município de João Pessoa/PB. “A comunidade de Paratibe é uma das únicas comunidades remanescentes quilombola situadas em área urbana existentes no Estado da Paraíba, juntamente com o da Serra do Talhado” (NASCIMENTO, 2010, p.20-21).

Ainda de acordo com Nascimento (2010), estudos do Instituto Nacional da Colonização e Reforma Agrária do Estado da Paraíba, (INCRA) apontam que a comunidade de Paratibe possui mais de 200 anos, vindo a ser reconhecida como remanescente quilombola somente a partir de 11 de julho de 2006 pela Fundação Cultural Palmares (FCP).

Com isso, foi pensada para E.M.E.F.P.A.S. Silva Machado, uma ação pedagógica que viesse a contemplar a cultura afro-brasileira no seu currículo e na comunidade. Dando início ao projeto de formação continuada “Saberes e Fazeres Afro-brasileiros e Indígenas na Sala de Aula”. Esse projeto foi uma iniciativa da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em parceria com a comunidade da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.<sup>a</sup> Antônia do Socorro Silva Machado. Dele participaram professores/as da própria escola e de outras unidades da rede pública de ensino de João Pessoa, perfazendo um total de 60 professores/as de todas as áreas de conhecimento com atuação da educação infantil ao 9º ano do ensino fundamental II. Os mesmos se reuniam duas vezes por mês, aos sábados, quando ocorria o curso de extensão para debaterem sobre a temática afro-brasileira e indígena. Tal curso se estendeu por dois anos, entre 2016 até o ano de 2018. Durante esse tempo, muitas foram as atividades desenvolvidas entre os/as professores/as que ali estavam presentes. E buscou, grosso modo, ajudar os/as professores/as que participavam dos encontros, a lidar com as diversas questões relacionadas ao preconceito com os povos negros e indígenas em suas aulas, e encontrar uma metodologia de enfrentamento ao racismo na escola e na sociedade.

## **2.1-O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DO/A PROFESSOR/A DE HISTÓRIA: a experiência no Projeto Saberes e Fazeres Afro-brasileiro e Indígena na Sala de Aula**

O Estatuto da Universidade Brasileira (Decreto Federal nº 18951 de 11 de Abril de 1931), delineou como atividade de extensão não só a realização de cursos e conferências objetivando a difusão de conhecimento “úteis a vida individual ou coletiva” mas também a “apresentação de soluções para os compromissos sociais e a propagação de ideias e princípios de interesse nacional”. Na década de 60, marcada pela mobilização popular e pelas reformas sócias, as atividades de extensão passam do enfoque da difusão do conhecimento para o de inserção na realidade sócio econômica, política e cultural do país, procurando respostas que contribuíssem para a transformação social. (CARBONARI E PEREIRA, 2007, p. 23).

Partindo dos apontamentos supracitados, atualmente podemos entender a Extensão Universitária como um fazer da universidade na localidade que ela se insere pautado na multiculturalidade e no pluralismo de conhecimentos, disposto a encontrar soluções praticas e eficazes para a resolução de problemas sociais. Ou seja, a extensão, segundo (Santos, 2010), funciona como uma ponte entre a universidade e a sociedade, onde o aprendizado acontece não apenas dentro dos muros da escola ou da universidade em si, mas sim numa troca de experiências, num constante “vai e vem” de conhecimento entre a sociedade e a universidade.

A extensão que participei na condição de monitor, entre Março de 2018 a Novembro de 2018, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.<sup>a</sup> Antônia do Socorro Silva Machado, foi de grande contribuição para a minha formação acadêmica enquanto professor de História, pois me possibilitou enxergar, e entender a pluralidade de culturas, etnias, raças, e demais diferenças presentes no nosso País, com isso pude aprender a lidar com os diferentes tipos de discriminação racial ou de gênero que inevitavelmente surgem ao longo do fazer docente, o que me permitiu adotar metodologias em sala de aula e enfrentar tais problemas, pois:

Num Brasil do século XXI composto por indígenas de várias nações, negros/as, brancos de várias nacionalidades, africanos, asiáticos, ameríndios, latinos, homens, mulheres, gays; um país

que produz uma variedade de sons, ritmos, danças e ciências, num país que fala várias línguas, produz vários sotaques e vocabulários diferentes, crer em Deus, Jeová, Buda, Oxalá, e demais orixás, e que não crer em nada, e se comunica com o mundo sagrado por caminhos diferentes, esse país não pode ter uma escola com um currículo meramente eurocêntrico. (CHAGAS, 2018, p. 10)

Contudo, a Formação Continuada de Professores/as trabalhava justamente na luta pela construção de um currículo abrangente e de enfrentamento contra o racismo e o preconceito com os diferentes tipos de culturas presentes na sociedade. Com enfoque na cultura afro-brasileira, indígena e africana.

Para tanto, apresentava metodologias, módulos, e as mais diversas formas para que os/as professores/as de diferentes disciplinas conseguissem expor suas dificuldades entre seus pares, frente aos problemas surgidos em suas respectivas aulas e assim, encontrar soluções metodológicas para proporcionar aos/as seus/as alunos/as outras possibilidades e abordagens de conteúdos, de modo a levá-los a desenvolver o senso crítico, lhes fazendo enxergar o plural de culturas existentes a sua volta.

No total, três módulos foram trabalhados durante a extensão no ano de 2018 quando fui monitor, foram estes: O Teatro como metodologia para se Ensinar História e Cultura Afro-brasileira e Africana, com o Professor Tiago Salvador, da Secretaria Municipal de Cultura de Solânea-PB; A Contação de História como metodologia para se Ensinar História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, com a Professora Fernanda Mara Ferreira Santos, do NEABI/UFPB/Campus João Pessoa; Livro Didático como metodologia para Ensinar História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, com a Professora Lúcia de Fátima Júlio, da E.M.E. Fundamental Regis de Brito –Alagoa Grande-PB. Estes módulos foram de grande valia para todos/as os/as participantes do curso. Serviu de norte para problematizar qualquer conteúdo que o/a professor/a queira ensinar em sala de aula. Trazendo a problematização para o universo afro-brasileiro, indígena e africano, essa metodologia tornou-se um exercício perfeito para enfrentar o preconceito racial, fez valer o que determina a lei 11.645/2008.

Não obstante, saliento que com a formação continuada, pude desenvolver trabalhos acadêmicos (artigos científicos) que foram apresentados em eventos renomados, como o V e o VI CONEDU (Congresso Nacional de Educação), entre outros. A formação me rendeu ainda um convite para publicação do meu artigo

intitulado: “*A Contação de História Uma Metodologia Para Se Ensinar A Cultura Afro-Brasileira*” apresentado no V CONEDU em Olinda-PE, publicado por uma das maiores editoras do Brasil, a Atena Editora, localizada em Ponta Grossa-PR.

Desta feita, foi bebendo das idéias/ações realizadas na extensão que desenvolvi minha prática docente na escola privada: Instituto Educacional Criança Ativa (IECA), localizada na cidade de Gurinhém-PB. Durante a minha experiência como professor sempre estive atento as falas dos/as estudantes a respeito de várias temáticas, como o feminismo, o aborto, religião, política, as questões do LGBTQIA+ e principalmente as falas relacionadas as questões étnico raciais e indígenas, sempre procurei ir além do livro didático.

As discussões acerca de algumas dessas temáticas eram corriqueiras em todas as turmas concernentes ao ensino fundamental II, isso ainda durante o ano de 2020 (meu primeiro ano como docente no IECA), porém foi em 2021, com a volta parcial das aulas presencias, que tive meu primeiro contato com a nova turma do 6º Ano, composta por 10 (dez) alunos/as. Essa turma me chamou atenção, pois eram ativos/as, participativos, inquietos e notava-se um forte grau de preconceito para com os povos negros e indígenas. Alguns/as deles/as na primeira aula manifestaram uma visão estereotipada de mim. Segundo eles/as, “pensaram que eu era um professor ruim”.

Porém acredito que o fato de eu ser negro, contribuiu para essa impressão. Contudo, no decorrer das aulas me incomodava à questão do preconceito nítido em suas falas e ao mesmo tempo me alegrava ver que eles/as tinham sede em aprender. Através disso tive a ideia de focar nessa turma para elaborar um estudo colocando em pratica os ensinamentos adquiridos no Curso de formação continuada de professores/as.

Assim, passei a observar essa turma dando uma maior atenção para seus conhecimentos prévios, ou seja, seu conhecimento de mundo, pois como já disse Paulo Freire, “a leitura de mundo antecede a das palavras”. Partindo dessa inquietação e curioso para ver o desembocar desse trabalho, comecei a buscar meios de desenvolvê-lo. Uma das metodologias adotadas pautou-se no que chamei de tripé do aprendizado baseado na: **identificação, análise e ação**, e foi desenvolvida através de algumas atividades/debates frequentes acerca da temática afro-brasileira, assim como outrora fizemos no curso de extensão.

Para consolidar essa ideia, tracei alguns objetivos a serem alcançados no fim do estudo, como por exemplo: despertar o senso crítico dos/ aluno/as acerca das

questões étnico-raciais; instigar os/as alunos/as a construir um pensamento positivo sobre as pessoas negras e indígenas, de modo a vê-las como iguais; reconhecer os diferentes costumes, opiniões, culturas e pessoas e respeitá-las/os; instigar os/as alunos/as a conhecerem melhor as riquezas culturais da cidade de Gurinhém-PB, bem como, a comunidade remanescente quilombola do Matão. Os objetivos ficaram nítidos durante as aulas e concretizados nos depoimentos que recebi de alguns/as alunos/as conseguidos via WhatZap, conforme falamos anteriormente e veremos adiante.

Fazendo valer o que foi aprendido na universidade e no curso de formação continuada de professores/as. Uma vez que os/as alunos do IECA foram aprendendo a respeitar os povos negros e indígenas, aprendendo sobre si mesmos, sobre a sua cidade e a comunidade remanescente quilombola do Matão. A partir de então, foram sentindo-se representados/as ao mesmo tempo em que eram inseridos nos conteúdos, que por sua vez, passavam a fazer sentido para eles/as, tornando a aprendizagem lúdica e criativa. Com isso, a extensão universitária apresenta-se como:

[...] uma forma de interação que deve existir entre a universidade (pública ou privada) e a comunidade na qual está inscrita. É uma espécie de ponte permanente entre a universidade e os diversos setores da sociedade. Funciona, segundo Carneiro (1985, p.56), como uma “via de duas mãos, em que a universidade leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade e recebe dela influxos positivos como retroalimentação: suas reais necessidades, seus anseios e suas aspirações, aprendendo assim com o saber dessas comunidades”. [...] Dessa forma, a universidade pode planejar e executar as atividades de extensão respeitando, e não violando, os valores e acultura popular. A universidade, através da extensão, influencia e também é influenciada pela comunidade, possibilitando uma troca de valores entre a universidade e o meio. (SANTOS, 2010, p. 12).

Desta forma efetivamos a importância da extensão na formação acadêmica e na prática docente do/a professor/as de História, uma vez que essa área do conhecimento torna-se inerente as questões históricas e raciais, conforme afirma Caimi (2016), “a disciplina de História é um campo privilegiado, pois discute sobre as demandas sociais, sobre as memórias coletivas, sobre pontos de vista do passado e conseqüentemente, do presente. Ela abrange uma gama de culturas e um pluralismo de ideias”.

No entanto, ressalto que a extensão universitária é de suma importância para a formação acadêmica em qualquer campo do conhecimento, tendo em vista o peso que uma formação associada à extensão tem sobre a vida acadêmica de um/a formando/a independente do curso que ele/a faz.

### **3-RESULTADOS E DISCUSSÃO: As Opiniões Dos/As Alunos/As Do IECA A Respeito Das Aulas De História Na Perspectiva Afro-Brasileira, Indígena E Africana**

Como resultado da minha prática docente no Instituto Educacional Criança Ativa, realizada principalmente durante o ano de 2021, localizado na cidade de Gurinhém-PB. Trouxe falas/depoimentos de alguns/as dos/as meus/as ex-alunos/as que estudavam o 6º Ano do ensino fundamental II, acerca das temáticas afro-brasileira, indígena e africana.

Afirmo que nenhuma das falas foi forçada ou inventada, e que tal pesquisa é de conhecimento dos responsáveis pelos/as estudantes. Ao todo, 5 (cinco) alunos/as responderam o questionário que foi lançado no grupo de WhatZap que mantenho com eles/as até hoje.

Dos 10 (dez) discentes que estudavam no 6º Ano, 7 (sete) deles/as estão no grupo e 5 (cinco) destes me deram respostas positivas no privado. Para tanto, dei início a uma conversa no grupo, e quando a maioria respondeu, eu iniciei o questionário para obter suas respostas.

As perguntas lançadas foram as seguintes: *Como foi a sua experiência comigo enquanto professor de história durante o tempo que passamos no IECA? De que maneira os nossos debates nas aulas de História a respeito do preconceito, do racismo e dos povos indígenas, contribuíram ou não para a forma que você enxerga a gente negra, os indígenas e as diferentes culturas que formam o Brasil?; Em sua opinião, você mudou sua forma de pensar sobre as questões afro-brasileiras e indígenas do início do ano de 2021 até aqui? Por quê?*

Porém, notei que as respostas foram soltas, já que não seguiram exatamente essa ordem, além disso, percebi que eles/as falaram com maior atenção sobre as questões afro-brasileira e africana e pouco foi discutido no que diz respeito aos indígenas. Fazendo-me repensar/aprimorar minha metodologia, ao mesmo tempo em que notei que quando se tratam dos povos indígenas as discussões são ainda mais

escassas, e infelizmente isso é perceptível não apenas na escola, mais em todo o meio acadêmico.

Após isso, esperei ansioso pelas respostas no privado, apenas o E1, M preferiu falar por áudio, enquanto os/as outros/as mandaram suas respostas digitadas. Como eu já esperava, o retorno das perguntas foi positivo e de grande significado para minha prática como Professor de História. A seguir coloco os depoimentos/respostas que recebi:

Professor, bom dia! O que eu aprendi nas suas aulas, foi muitas coisas sobre o racismo, o preconceito, política. Enfim... Porque assim, professor, o senhor sempre dava suas aulas a respeito do racismo, porque o senhor sempre explicava que o povo negro sempre era muito inferiorizado pelos brancos, e eles eram tratados como próprios animais, mas isso não tem nada a ver. Porque as pessoas negras do racismo elas... Elas sofrem com o racismo, elas são inferiorizadas e eram tratadas como próprios animais pelos europeus, como moeda de troca, e os africanos que vieram pra cá trazidos pelos europeus, trazidos como escravos. E eu sempre me lembro de um exemplo que o senhor contou de uma colega sua que saiu da rua que estava quando viu um negro e pensou que ele ia assaltar, e acabou sendo assaltada pelo um branco. Aí esse exemplo eu levei pra minha vida inteira né. Quando eu posso falar sobre isso eu falo, lembro do senhor e digo que um professor meu contou esse exemplo pra mim e isso ficou na minha mente, nunca mais esqueci disso.

E eu não vou mentir professor, eu tinha um pouco de preconceito sim. Eu tinha tipo, muito medo assim de pessoas, tipo, eu achava que todas as pessoas negras que existiam eram pessoas ruins. Mas eu descobri do 6º Ano pra cá que pessoas negras não são, são pessoas normais, tanto como os brancos, e eram os brancos que eram ruins com os negros, não era! (E1, M)

Contudo, os apontamentos desse aluno me chamaram atenção, pois outrora, suas falas eram carregadas de preconceito com relação aos povos negros, e esse depoimento mostrou uma grande mudança na forma dele lidar com a diferença, com a pluralidade de gente e de culturas a sua volta. Não obstante, ele continuou falando sobre seu primeiro contato comigo:

A primeira vez que o senhor entrou na sala, eu disse... Misericórdia, esse aí é ruim não... Misericórdia, que professor ruim. Mas depois que eu conheci o senhor... O senhor é um professor muito bom! Muito bom de verdade! Sempre procurou

saber das dificuldades, sempre ajudou quem tava precisando de ajuda nas aulas... Sempre foi um professor muito companheiro. Aprendi muito com o senhor. (E1, M)

Essa fala retrata a importância de conhecermos o outro ou seus costumes antes de julgarmos. Afinal, o preconceito provém da falta de conhecimento sobre algo ou alguém.

Adiante com as falas dos/as alunos/as, trago alguns apontamentos relevantes de um estudante, os quais dizem respeito não somente ao preconceito com o povo negro e com o racismo, mas também com as questões/problemas sociais relacionados ao feminismo e o preconceito e discriminação com a sociedade LGBTQIA+:

Bom dia, Professor. Vou digitar por aqui mesmo, Preconceito: a gente discutia muito em relação sobre o preconceito com os LGBTQIA+. Que bastante pessoa tinha duvidas porque no mundo não só existem homens e mulheres. As aulas ajudavam bastante em relação de 2, 3 pessoas que tinham dúvidas em relação a essas pessoas, e também contra os negros e índios, que bastante gente tinham medo dos negros. Quando eles passam perto alguns se afastam. As aulas eram bastante legais, e eu amava bastante, um professor muito qualificado e profissional na matéria de história! (E2, M)

Na resposta desse aluno é pertinente a parte em que ele fala do medo que as pessoas têm dos negros/as, ressaltou que em sala de aula, durante uma de nossas discussões ele comentou a respeito, “essas pessoas” que ele cita que “se afastam”. Na verdade faz referencia a si mesmo.

Ele disse que estava na companhia de sua prima, na praça pública da cidade de Gurinhém-PB, quando se aproximaram três negros que segundo ele, eram do sítio do Matão<sup>1</sup>(uma comunidade remanescente quilombola), zona rural da cidade de Mogeiro, mas administrativamente faz parte de Gurinhém . Disse que ele e sua prima tiveram medo de que aquelas pessoas fossem lhes fazer mal e correram.

---

<sup>1</sup>A comunidade remanescente quilombola do Matão, geograficamente pertence ao município de Mogeiro-PB, porém suas questões administrativas fazem parte da cidade de Gurinhém-PB. O Matão como é popularmente conhecido está localizado a 3 quilômetros da BR 230. A entrada para a comunidade fica no quilometro 103 vindo de Campina Grande.

Como já estávamos no debate, aproveitei para problematizar essa fala e desconstruir tal pensamento estereotipado. Para tanto, dei um exemplo citado anteriormente pelo E1, M, de uma colega que estava andando na rua e ao ver um homem negro, segundo ela, vestindo roupas velhas, vindo em sua direção, ficou com medo e foi para o outro lado da rua. Mais a frente, aproximou-se um homem branco bem vestido e a assaltou. Falei ainda sobre o Matão, como é popularmente conhecido pelos moradores da cidade.

Voltando aos apontamentos do E2, M, ele continuou falando do racismo e do feminismo, com isso, na parte em que ele explanou sobre o racismo, ele falou mais a respeito do “medo” que tem das pessoas negras:

Racismo: muitas pessoas tinha medo de pessoas negras, e também a gente falava bastante sobre o preconceito e agente brigava bastante KKK, pois as aulas eram ótimas. E também em relação ao “medo” com as pessoas negras, na hora que eu estava com minha prima chegou 3 pessoas negras a nossa frente e eu e minha prima corremos porque a gente pensava que eram pessoas estranhas, mas hj eu sei que não é assim. E devemos ter medo de quem não conhecemos, seja negro ou branco, as aulas de história me fez saber que as pessoas importam e que é pra eu perder esse medo.

Esse aluno era o que mais me preocupava no sentido de me reinventar a todo custo para tirar essa visão que ele tinha a respeito da gente negra e aprender a respeitar as diferentes crenças e costumes.

Nesse sentido, torna-se relevante destacarmos a parte das “brigas”, pois ele sempre batia de frente com os/as colegas que discordavam dele. E isso era muito importante, pois através do choque de opiniões, eu colocava em prática o que chamei de tripé do aprendizado étnico racial, baseado na identificação, análise e ação, onde eu identificava o problema ou dificuldade, analisava a melhor forma de resolver e agir. No fim, vi que através dos debates frequentes, assim como os demais estudantes, ele está no caminho certo. Na sequência ele continuou indagando a respeito do feminismo:

Feminismo: nas nossas aulas aprendi que as mulheres tem que ser mais respeitadas e também menos agressão contra elas, e que elas procurem os direitos delas sim, e não só o homem quem pode mandar em tudo, e que os homens que batem em mulheres

sejam presos eternamente, e não só os homens que tenham direitos, mas as mulheres também. Pq existe vários homens que não lava um prato e as mulheres tem que fazer tudo pq se não fizer leva agressão e que possa existir uma lei mais rígida em relação a isso, e também não só homens que possam mandar na casa, que as mulheres possam! (E2, M)

Desta feita, conhecendo de perto meus/as ex-alunos/as, a cada mensagem recebida, cada áudio, ou resposta escrita, eu me alegrava por saber que fiz a diferença e mostrei o outro lado da história para eles/as, o lado dos menos favorecidos, como bem disse o E2, M, mostrei que todas as pessoas importam. Seguimos com os demais depoimentos:

Eu gostaria de dizer que o tempo que eu e meus colegas de classe passamos com o senhor foi maravilhoso, nós aprendemos muitas coisas juntos, como respeitar as opiniões de outras pessoas, também aprendemos sobre temas polêmicos mas que precisam ser introduzidos na sociedade escolar, já que o que aprendemos e o que nós falamos agora reflete no nosso futuro, agradeço muito ao destino por ter conhecido o senhor e meus outros professores, e mesmo quando eu crescer eu tenho certeza que ainda vou me lembrar de vocês, vocês são os professores que entre todos outros que passaram pela minha vida, são destacados como os melhores (E3, F)

Confesso que essas palavras me emocionaram, pois é muito gratificante ser reconhecido pelo trabalho desenvolvido, e nos motiva a seguir em frente. Ao receber essa primeira resposta, senti a necessidade de perguntar: “De que maneira as aulas de história mudaram o seu pensamento em relação a respeitar as opiniões dos outros?” “De alguma forma você aprendeu a respeitar ainda mais os povos negros e indígenas?” As respostas foram as seguintes:

As aulas de história me ajudaram a pensar de forma mais aberta e ter respeito tanto com as pessoas quanto com as religiões diferentes da minha. E as suas aulas me fizeram tirar uma visão preconceituosa com as pessoas negras e indígenas, mas o senhor me fez enxergar que nós somos todos iguais não importa cor, cabelo, e nem o jeito de se vestir (E3, F)

Os resultados da minha aprendizagem e pratica foi se efetivando gradativamente, cada fala revela isso, e por mais que meu trabalho como professor de

História tenha lacunas que precisam ser preenchidas em trabalhos futuros, aprendi o caminho que devo seguir. Na sequência tem os seguintes depoimentos:

Bom... eu nunca tive preconceito com nada, mas ao longo das aulas eu fui refletindo mais! Fui entendendo mais, abrindo minha mente, descobrindo novas formas de combater o RACISMO, fazendo com que outras pessoas pudessem entender e enxergar de forma diferente. Quando a gente faz um diálogo sobre esse assunto, em muitos casos se emocionamos ao ver o sofrimento de outras pessoas. Pra me vc foi o melhor professor, sabia conversar, dialogar com os alunos e entender a gente, não somente como professor mas como amigos, eu só tenho que agradecer a vc! (E4, F)

Suas aulas eram perfeitas! Um excelente professor. Pra mim foi muito bom ver que as pessoas negras não são como eu achava que fosse. Pq eu cresci escutando que os povos negros eram bandidos, traficantes etc. Hoje eu vejo que não é assim (E5, F).

Conforme falei anteriormente, os resultados desse trabalho foram muito gratificantes e geraram frutos positivos a medida que contribuiu para desconstruir pensamentos de discriminação contra culturas, pessoas, cor de pele e de escolhas individuais ou de um determinado grupo. No entanto, como já foi mencionado, senti uma carência gritante nas temáticas concernentes aos povos indígenas, tendo em vista que, essa gente foi pouco abordada nas falas dos/as estudantes. No tocante, fica perceptível que muito ainda precisa ser feito para que possamos buscar metodologias que povoem o universo indígena e gerem o interesse dos/as alunos/as sobre esses temas. Fica percebido que mesmo me desdobrando para ensinar conteúdos voltados essa camada inferiorizada tanto quanto os negros, os/as discentes sentem-se envolvidos e/ou representados em temáticas voltadas a cultura afro-brasileira e africana.

#### **4-CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência de um ano (2018) como monitor no Projeto de Extensão "Saberes e Fazeres Afro-brasileiros e Indígenas na Sala de Aula"; desenvolvido junto aos/as professores/as da Escola Antônia do Socorro Silva Machado, Bairro de Paratibe, João pessoa/PB. Foi uma das mais significativas da minha formação acadêmica! Durante a execução desse projeto aprendi sobre como trabalhar na sala de aula temas relacionados à história do povo negro e indígena; o projeto ainda me possibilitou melhorar e expandir as minhas compreensões e conhecimentos sobre a história e cultura afro-brasileira e indígena, sobretudo, a partir das ideias, questões e discussões expostas pelos/as professores/as ministrantes de cada um dos módulos que compunham o projeto.

Contudo, a minha ação foi para além do projeto e com base nas discussões fomentadas desenvolvi alguns artigos relacionados a um dos módulos, qual seja, "A Contação de História como Metodologia para se Ensinar História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena,".

Desta feita, apresente-os em eventos renomados como o V e o VI Congresso Nacional de Educação (CONEDU), a Semana de Humanidades (realizada pelo CH/UEPB na cidade de Guarabira/PB) dentre outros eventos importantes. Ademais, tive a honra de ter o artigo intitulado "A Contação de História Uma Metodologia Para se Ensinar a Cultura Afro-brasileira", publicado como capítulo de livro pela Atena Editora-PR.

Como Professor de História atuante, realizei várias atividades e debates com meus/as alunos/as que dialogam diretamente com os ensinamentos não só da universidade, mas, sobretudo, com o projeto de extensão que participei.

Sinto-me privilegiado por ter vivido tais experiências e por ter desempenhado o meu dever de educador e poder contribuir para uma formação dos/as discentes, dando espaço para assuntos voltados aos povos indígenas, afro-brasileiros e africanos e assim ajudar no enfrentamento ao preconceito racial com toda essa gente, dialogando com a lei 11.645/2008.

No entanto, foram muitas as dificuldades que tive com algumas turmas, quando tratava de assuntos que envolviam a gente negra e indígena. As vivências de mundo dos/as discentes na maioria das vezes são marcadas por preconceitos para com os povos negros e indígenas, mas no decorrer do tempo pude observar que suas falas relativas a

preconceito foram dando espaço ao respeito para com o próximo e para com a pluralidade de culturas, crenças e costumes que formam o Brasil.

No final ficou nítido que ainda há lacunas no ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena, pois as discussões a respeito destes são escassas, ou seja, sabemos que tal conteúdo é abordado apenas em momentos pontuais, como o dia 19 de abril e 20 de novembro. Isso demonstra que temos que intensificar ainda mais os debates seguindo o caminho da inclusão dessa história e cultura no currículo escolar, e assim mudar tal realidade nas escolas públicas e privadas.

## 5-REFERÊNCIAS

CAIMI, F. (2016). **A História na Base Nacional Comum Curricular pluralismo de ideias ou guerra de narrativas?** Porto Alegre. 2016. Revista do Lhiste, 4, 3, 86-92. Disponível em: <https://docplayer.com.br/58699041-A-historia-na-base-nacional-comum-curricular-pluralismo-de-ideias-ou-guerra-de-narrativas.html>: Acesso em 10 Nov. 2021

COELHO, Mauro Cezar e COELHO, Wilma de Nazaré. **As Licenciaturas Em História E A Lei 10.639/03 – Percursos De Formação Para O Trato Com A Diferença.** Educação em Revista, 2018.

CARBINARI, Maria Elisa Ehrhardt.; PREIRA, Adriana Camargo. **A Extensão Universitária no Brasil, do assistencialismo a sustentabilidade.** Disponível em: <file:///C:/Users/bordado/Downloads/2030.pdf>. Acesso em 5 Fev. 2022.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **Saberes e Fazeres Afro-Brasileiros e Indígenas em Sala De Aula. 2018-2019. Relatório final de Curso de Extensão.** Universidade Estadual da Paraíba- UEPB; Pró-Reitoria de Extensão PROEX; Centro de Humanidades; Departamento de História. Paraíba, 2019.

NASCIMENTO, Pablo Honorato. Os quilombos no contexto da formação do Brasil; Proteção constitucional, convencional e legal ao território e ao patrimônio histórico-cultural dos quilombos. In: **Direitos Territoriais e Culturais das Comunidades Quilombolas: O caso de Paratibe frente à expansão urbana de João pessoa.** Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos-pdf/direitos-territoriais-culturais-comunidades-quilombolas/direitos-territoriais-culturais-comunidades-quilombolas.pdf>. Acesso em 21 Dez. 2022.

PEREIRA, Marcos dos Santos. "Contributos da Extensão Universitária Brasileira à Formação Acadêmica Docente e Discente no Século XXI: Um Debate Necessário." In. **Revista Conexão** UEPG, vol. 6, n. 1, 2010, pp.10-15. Redalyc, <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514151724008>. Acesso em 5 Fev. 2022.

## **6-AGRADECIMENTOS**

Quero primeiramente agradecer a Deus por sempre ter me dado forças, discernimento e garra para que eu pudesse buscar realizar meus objetivos, e por ter colocado pessoas maravilhosas em para me ajudar nessa caminhada.

Em segundo lugar estendo esse agradecimento a meus pais, Severina Silva do Nascimento e Severino Avelino Alves, bem como a minha Irmã Patrícia do Nascimento Alves.

Quero agradecer ainda aos amigos que fiz no decorrer do Curso de História: Raylson Gomes Soares, Silmara Trajano, Raquel Pereira, Raphaela Nascimento, Lucas Santos da Silva e José Renan da Silva Souza.

Por ultimo, mas não menos importante, um agradecimento especial ao Prof<sup>o</sup> Dr Waldeci Ferreira Chagas, por ter contribuído muito para minha formação, e por todo o apoio e confiança depositada em mim.

Esses agradecimentos são carregados de emoção, e ao mesmo tempo, de uma sensação de vitória, de dever cumprido e de satisfação.

**A todos, o meu muito obrigado.**